

189

Nos últimos anos muitos estudos foram realizados no sentido de perceber o que é que confere o estatuto de *literatura popular* ("popular literature") e de que modo esta se relaciona com o conceito de literatura.

Tal esforço pode ser explicado, em parte, pelos modernos conceitos igualitários ("modern egalitarian notions") - a negação da natureza elitista da literatura -, assim como pela necessidade de repensar o conceito Literatura e os seus critérios, de modo a avaliar os *produtos da massa cultural moderna* e mesmo para perceber a melhor maneira de apresentar literatura aos mais novos.

Quanto ao estudo da literatura em Espanha na "Idade de Ouro", verificou-se nos últimos anos um aumento na atenção prestada aos *pliegos sueltos* e à *literatura de cordel*, anedotas populares e aos livros de *facecias*.

Este artigo pretende focar apenas um dos múltiplos aspectos da "cultura popular", tendo por base alguns êxitos da Idade de Ouro ("Golden-Age best-sellers"), "construing 'popular' simply as 'widely diffused', and not as implying something produced by or for the populace, a distinction which is in case, in this period, of somewhat dubious validity".

O "problema do 'best-seller' na Idade de Ouro" é divisível em três partes:

- como estabelecer de um modo preciso que livros lideraram na Idade de Ouro "popularity stakes";

- como ter em conta a popularidade do "best-seller" ("Literary excellence - even when it exists - is a manifestly inadequate explanation, and we can find ourselves driven into some very dubious territory indeed");

- por último, se bem que o tema de estudo não deva ser ditado pela frequência com que o manuscrito foi copiado ou pelo número ou tamanho das edições, não faz sentido estudar um livro que não conheceu um grande nível de "audiências" senão actualmente, em detrimento de outros escritores ou trabalhos cuja primeira edição foi ávidamente devorada.

190

"The truth is that so long as histories of literature remain uncontrolled by more objective criteria than they are, they will tend to reflect our own contemporary ethos rather than that of the age whose literary history they purport to narrate. (...) it is undeniable that we still tend to underrate or neglect the literary epic, Guevara, the chivalresque romances, and the *cancionero*-style verse which persisted with barely diminished popularity up to the time of Gracián; but at least we seem to be aware that they were once important."

Por exemplo, há a tendência generalizada para se ignorar a informação estatística da produção de livros nos séculos XVI e XVII, que poderia ser utilizada para responder a questões como: que trabalho de literatura de ficção, em Espanha, foi reimpresso com mais frequência na Idade de Ouro? Que trabalho, composto em Espanha, viu mais edições? Que trabalho traduzido para "spanish" atingiu o inequívoco estatuto de êxito de vendas ("best-seller")? E por aí em diante.

É inegável o valor da análise estatística ou mesmo a soma mais simples. O professor A.A. Parker observou que, com o Concílio de Trento e o início da Contra-Reforma, Espanha "was on the threshold of the greatest vitality and creativity that she had ever shown in religion - theological speculation, spiritual literature, mysticism, art".

Podemos considerar que este "Renascimento espiritual", este período de grande criatividade na especulação teológica e literatura devocional, produziu mais livros religiosos do que a 1ª metade do século XVI.

Há alguns anos atrás o Professor R. O. Jones, ao fazer uma contagem de vários volumes de Vindel e chegou à conclusão que a maior parte dos livros foi impressa, não na 1ª metade do século XVI mas na 2ª. A produção de livros aumentou bastante e, com ela, o número de trabalhos de índole religiosa publicados.

Mas, a proporção de trabalhos classificáveis como religiosos - especulação teológica, tratados moralizadores e devocionais, hagiografias, versos religiosos - declinaram de um modo notável.

"So far from the Counter-Reformation's producing a spiritual Renaissance, it positively inhibited theological speculation and coincided with an efflorescence of profane literature."

De facto, as decisões e recomendações do Concílio de Trento puseram fim a um número de controvérsias teológicas; é bem conhecido que os censores da Inquisição dedicavam muito maior atenção aos erros doutrinários em trabalhos religiosos a evitar, que ao que podemos chamar de "profane works of literature".

Sabemos também que, para alguns inquisidores, como Jerónimo de Zurita, o mérito do trabalho literário em questão era de importância capital.

Porém, não é possível determinar em que medida o censor inquisitorial pode escolher ("deterred") os autores "profanos"; mas podemos avançar que, dada a produção de livros, tornou-se muito difícil justificar a tese de que a Contra-Reforma produziu um Renascimento espiritual.

Quanto à difícil tarefa de estabelecer uma "league-table" dos "best-seller's" da Idade de Ouro:

Qualquer "best-seller" moderno é definido pelo número de cópias vendido; se, de facto, (\191) nós insistirmos que não podemos falar de "best-sellers" sem conhecer as "sales-figures", então não podemos falar de "best-sellers" de modo algum.

191

No que diz respeito aos séculos XV, XVI e XVII não podemos ter como critério o tamanho das edições. Apenas em poucos casos é que um documento que encontramos por acaso nos diz quantas cópias foram impressas.

Se no início do século XVI a edição média normal ronda entre as duzentas e as duzentas e cinquenta cópias; mas o *Cancioneiro general* de 1511, "a lavishly produced and extremely expensive book", teve uma primeira edição de 1000 cópias.

De qualquer maneira, enquanto que os primeiros impressores em Espanha acharam difícil competir com a produção em massa dos livros em centros como Lyon ou Veneza; já na segunda metade do século XVI os impressores estavam mais capacitados para suportar a sua produção, e os tamanhos das edições "accordingly steadily" aumentaram.

Seja como for o único critério realista que podemos usar para definir os nossos "best-sellers" é o número de edições pela qual passaram.

Outro problema que temos de enfrentar é o de determinar o número das diferentes edições publicadas. Talvez a única edição da qual podemos ter a certeza é aquela que podemos ver e manusear. Em segundo lugar vêm os catálogos, quer de livrarias ou "book-sellers" e, em terceiro lugar há que contar com as bibliografias e monografias.

Contudo, existem discrepâncias entre os bibliógrafos quanto ao número de edições, devido aos diferentes critérios utilizados. Por exemplo, Theodore S. Beardsley cita um total de 39 "Golden-Age editions" para a *Celestina*; enquanto que Palau apresenta uma lista de 48, Simón Díaz tem 84 e J. Homer Herriott diz ter informação de cerca de 187 edições dessa obra, e apenas antes de 1600, pelo que nem chega a abranger toda a Idade de Ouro.

Quer Herriott (que mesmo que considere traduções, apresenta um número altamente improvável), quer Beardsley devem estar errados.

"Perhaps paradoxically, the higher figures offered by bibliographers with less criteria of reliability are likely to be much nearer the truth. Anyone who has worked on the affiliation of fifteenth- or early sixteenth-century texts will know how often it is essential to posit lost editions, of which there may be no note anywhere in the bibliographical literature."

192

É preciso ter sempre em conta:

1. "the survival-rate of small books is much lower than for large books" (Rodríguez Moñino mostrou que desapareceram literalmente milhões de cópias de *pliegos sueltos*); a experiência moderna confirma assim que um tomo grande, dispendioso, terá um preço maior e, por conseguinte será melhor conservado que um volume pequeno e barato (relação tamanho/preço).

Regra geral, os bibliógrafos que trabalham numa escala que os obriga a lidar com informação em segunda mão produzem uma ligeira distorção.

Até termos uma bibliografia geral da "Golden-Age printing" de confiança, a nossa tabela tem que permanecer provisória. Idealmente, necessitaríamos de uma espécie de gráficos, em vez de totais aritméticos. A única solução parece ser a fragmentação de grandes períodos em "smaller time-spans".

Apenas tendo em mente as datas das publicações é que podemos ver que *Don Quixote* não teve nenhum efeito observável na voga do romance cavaleiresco, que o corte repentino das edições do *Amadís* e as suas continuações em 1588 podem coincidir com acontecimentos políticos externos, e por aí em diante.

Finalmente, temos ainda que reconhecer que a contagem das edições de livros individuais podem produzir uma imagem limitada. Não podemos perder de vista quer o autor, quer o género.

193

O problema do género é ainda mais complexo. À excepção de *Breakheart Pass* de Alistair Maclean's, desde os dias de Zane Grey que nenhuma "individual western novel" se aproximou da categoria de "best-seller"; porém um olhar mais atento permite perceber que uma fórmula particular pode ser repetida sucessivamente por vários autores e que o "western genre" se afirmou largamente na cena "para-literária".

Temos uma analogia próxima no século XVI: *Amadís de Gaula*.

As suas duas dúzias de edições colocam-no ao lado da *Silva de varia lección* de Pedro Mexía, das *Epístolas* de Guevara, do *Cárcel de Amor* de São Pedro e do *Don Quixote* de Cervantes. Mas se incluirmos as continuações por diferentes autores, o *Amadís* recai para um total de 9 edições, e para 2º lugar na tabela de popularidade, "overshadowed still, of course, but only by the most astonishingly successful book of the entire Spanish Golden Age".

A tabela de livros mais frequentemente editados nos séculos XVI e XVII apenas dão uma ideia do panorama da literatura da Idade de Ouro.

Um dos aspectos mais impressionantes do século XVI é que, apesar da legião de novos escritores, a produção de livros desse período é dominada pelos escritores do século XV.

*Celestina* - sem contar com as continuações e imitações - indica o caminho, mas outras obras conheceram o estatuto de sucesso de vendas (*Laberinto* de Mena, a tradução anónima do século XV de *Aesop*, as *Coplas por la muerte de su padre* de Jorge Manrique, o *Retablo de la vida de Cristo* de Fray Juan de Padilla, a *Passión trobada* de Diego de São Pedro e o seu *Cárcel de Amor*, o *Amadís* de Montalvo).

*Celestina* foi sem dúvida a peça de ficção de maior sucesso em toda a Idade de Ouro, eclipsada apenas se permitirmos ao *Amadís* contar com as suas continuações. Em segundo e terceiro na tabela do género de ficção encontramos *Guzmán de Alfarache* e *Diana* de Montemayor. Em quarto vêm de igual modo *Amadís*, *Cárcel de Amor* e *Don Quixote*.

"Volumes of profane verse scarcely make a showing."

Quanto aos poetas da Idade de Ouro, os nomes tem partida em Garcilaso, Juan de Mena ou tradutores em verso de *Aesop* ou da *Aeneid* de Virgílio.

194

Há um livro surpreendente que permanece sozinho, com quase tantas edições como as dos seus rivais mais próximos, ou seja, a *Celestina*, o *Marco Aurelio* de Guevara e *Aesop*. É o *Libro de la oración* de Fray Luis de Granada, que rondou as cem edições entre 1554 e 1679.

Nos seus primeiros cinco anos de vida conheceu cerca 23 edições e poderia ter continuado a quebrar todos os recordes não fosse ter sido colocado num Index como livro banido. Após autorização do Papa e do Concílio de Trento e das autoridades espanholas insistirem numa série de correcções, apareceu novamente impresso e conheceu outras oito edições.

"But if we are going to concentrate on 'pure literature' (...) we ought at least to remember that for every work of pure literature there was at least one other book which was more widely read. *Celestina* was outdone by the *Libro de la oración*, *Diana* was overshadowed by Fray Luis de Granada's *Guía de Pecadores*, *Don Quixote* saw fewer editions than Pedro Mexía's *Silva de varia lección*, Lope's *Arcadia* does not match Guevara's *Epístolas familiares*."

As obras de literatura são pois organizadas em função de uma espécie de mérito, sem, contudo, ter em linha de conta a sua popularidade contemporânea.

Mesmo no que diz respeito a autores mais específicos, é frequente encontrarmos histórias da literatura ou escritores sobre esses autores que ignoram a popularidade dos livros dos autores em estudo.

Livros mais populares de alguns autores:

- Lope, *Arcadia*;
- Quevedo, *La política de Dios*;
- Fray Luis de Granada, *Libro de la oración*;
- Guevara, *Oratorio de religiosos*...

Quanto a traduções dos clássicos, o mais habitualmente traduzido e reimpresso foi *Fables* de *Aesop*, feitas inicialmente da versão latina por Lorenzo Valla. Houve no total 5 traduções diferentes, que conheceram um total de pelo menos 40 edições.

Em segundo lugar no "top ten" encontramos as traduções da *Aeneid* de Virgílio, que teve pelo menos 30 edições e, em terceiro lugar vêm as *Metamorfoses* de Ovídio, com cerca de 20 edições, à frente de *La política de Dios*, *Araucana*, *Lazarillo*, *Reloj de príncipes* (Guevara) e *Examen de ingenios* de Huarte de San Juan.

"The fact that the three leading classical translations could all be classed as imaginative literature is mildly misleading."

Beardsley refere que, entre 216 traduções recolhidas, com quase 600 edições, a literatura de ficção não figura "conspicuously", e o interesse dos tradutores, impressores ou público leitor inclinam-se claramente para obras de carácter moral, filosófico, científico e histórico.

Apesar do sucesso de um número restrito de obras de ficção, a imprensa da Idade de Ouro é dominada pela prosa não-ficcional, pelas obras de devoção, moralizadoras e históricas.

Claro está, a literatura de ficção pretende educar\instruir: Fernando de Rojas (*Celestina*) diz ter um propósito moral; Montalvo insiste no prefácio do *Amadís* que este está repleto de "enxemplos y doctrinas".

195

Apesar da ênfase nas lições de moral, seria errado concluir que o público leitor dos séculos XVI e XVII seria basicamente muito diferente dos leitores actuais. R.O. Jones, na sua história da prosa e poesia da Idade de Ouro, tenta explicar o grande sucesso de Pedro Mexía integrado no contexto da "curiosidade do Renascimento da Europa" e o seu "appetite for sheer fact".

"But we need only look around us to see that same appetite for 'fact'. We may choose to lecture and write about 'literature', but the addiction of academics to the reading of so-called 'news'-papers is a phenomenon which can be observed at any conference."

Parece que se descure actualmente o nível cultural do público leitor.

"On the one hand, Daniel Eisenberg has argued that we have been grossly misled by Cervantes's picture of the reapers in the field gathered to hear a reading of a chivalresque romance."

Eisenberg salientou não apenas que os romances de cavalaria eram normalmente volumes muito dispendiosos, fora do alcance de muitas bolsas; mas também que os seus autores dedicavam-os habitualmente aos círculos da aristocracia. Isto não significa que tenhamos que substituir a noção de audiência "popular" pela de uma audiência culta. Não temos qualquer razão para pensar que ela não apelava a todos os níveis da sociedade.

Mas, por outro lado, conhecemos repetidas queixas nos finais do século XVI e inícios do século XV, estudadas pelo professor Otis Green, acerca do aumento de poder e influência do *vulgo*, do gosto pelo sensacionalismo, da insistência em exigirem novelas, do seu gosto por conceitos extravagantes e por linguística e retórica elaborada.

No início do século XVI, quando os moralistas castigaram o público por ler avidamente o *Carcel de Amor*, *Celestina*, *Amadís*, e *Diana*, não fizeram qualquer distinção entre o *vulgo* e o nobre.

Keith Whinnom conclui, como Caro Baroja, que não podemos distinguir uma classe superior e uma classe inferior do público leitor mesmo no século XVII.

"The purchasers of books must have belonged to the more weell-to-do families; but there is little evidence that the tastes of the majority of them did not reflect the tastes of the population at large."

Podemos tomar como axioma que: não há literatura sem linguagem. Já a proposição inversa não deixa de ter o seu interesse: não há linguagem sem literatura.

Não conhecemos nenhuma sociedade, por mais "primitiva", que não tenha a sua literatura de histórias, canções, adivinhas e provérbios.

Uma função básica da linguagem é, indubitavelmente, informativa. Trata-se de uma função que diz respeito não apenas à literatura de ficção, mas também à poesia, enquanto fornecedoras de "vicarious experience" e lições de comportamento podem ser dadas através de experiências de outras pessoas, reais ou imaginárias.

Uma função da linguagem e da literatura é certamente a transmissão de conhecimento no (\196) sentido estrito: a literatura fornece orientações ao indivíduo para se adaptar ao mundo e à sociedade que o rodeia.

Porém, muita da informação é inútil. Por exemplo, as viagens de Marco Polo foram muito difundidas na Idade de Ouro, e conheceram mesmo um interesse maior que as Índias e que as narrativas das conquistas da América. Mas o mais surpreendente é que as traduções mais lidas eram absurdas, sem sentido ("nonsense").

Quase todos os nomes próprios - à exceção de Veneza - foram tão grotescamente distorcidos que, a partir do momento que deixamos Babilônia, isto é, Babilon, Cairo, para viajar para a Ásia, o que é uma emenda ininteligível de Saia, uma colônia genovesa na Crimeia, nós estamos no país das maravilhas ("Wonderland").

De facto, as fictícias viagens abençoadas\santas ("wholly") de Sir John Mandeville foram devoradas com igual e incriçável entusiasmo.

"But one might also contend that they consumed, with relish, information and misinformation about worlds which did not and could not impinge on their day-to-day living."

Outro caso sobre o qual vale a pena reflectir é o *The Book of Secrets*, atribuído a Alberto, o Grande e que conheceu cerca de 80 edições durante o Renascimento europeu.

"It deals with the virtues of sundry herbs, animals, and minerals, and the bulk of it consists of crazy recipes and remedies. To catch fish, for instance, all you have to do is to anoint your hands with the juice of nettles and houseleek, wade out into a stream, and the fish - if there are any about - will come to be taken."

Provavelmente a única receita em todo o livro que podia ser provada por experiências é a fórmula para "gunpowder".

"And yet, people possessed themselves eagerly of this verifiably inaccurate misinformation."

A Literatura parece ser o produto de dois factores diferentes:

- "on one hand it appears to fulfil some deep-seated human need for narrative, for learning of the experiences of other minds, no matter whether the material be real or imagined";

- "on the other hand, literature is clearly a disease of language - a product, like foie-gras, musk or pearl, pathological in its origins. Language bears no one-to-one correspondance with reality, and its units can be shuffled around to make statements about alternative, fantastic worlds as easily (...) than about the "real world".

"Language may assist us to survive in the limited world we live in; but its by-product is perhaps more important: it provides us with other worlds to inhabit."

Quando se estudam textos literários não basta discorrer sobre o seu mérito literário (estrutura\estilo), mas também perceber porque é que se tornaram populares. Quanto aos "best-sellers" da Idade de Ouro, certamente que não é apenas o mérito literário que explica o seu sucesso.

197

"I do not imagine that one single formula will explain everything, but it is time we had some ideas about it, and time that we took more seriously *all* the best-selling books of the Spanish Golden-Age, books which must hold the key to the spirit of a remarkable epoch."